



CÓD: OP-121DZ-23
7908403546886

IF BAIANO

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA
E TECNOLOGIA BAIANO**

Professor - História

EDITAL Nº 235, DE 12 DE DEZEMBRO DE 2023

Língua Portuguesa

1. Teoria da comunicação.	5
2. Significação e relação semântica entre palavras e expressões.	6
3. Estilística. Registros e Variações linguísticas.	6
4. Ortografia.	10
5. Acentuação gráfica.	11
6. Uso da crase.	12
7. Morfologia. Classes gramaticais.	12
8. Sintaxe.	20
9. Concordância verbal e nominal.	24
10. Regência verbal e nominal.	26
11. Colocação pronominal.	27
12. Emprego dos sinais de pontuação e sua função no texto.	28
13. Compreensão e interpretação Textual.	31
14. Tipologias e gêneros textuais.	32
15. Mecanismos de coesão e coerência textual.	32
16. Reescrita de frases e parágrafos do texto.	33
17. Função textual dos vocábulos.	39

Legislação

1. Regime Jurídico Único (Lei nº 8.112/1990): Das Disposições Preliminares; Do Provedimento, Vacância, Remoção, Redistribuição e Substituição; Dos Direitos e Vantagens; Do Regime Disciplinar; Do Processo Administrativo Disciplinar; Da Seguridade Social do Servidor.	45
2. Lei da Improbidade Administrativa (Lei nº 8.429/1992) e alterações.	68
3. Código de Ética dos Servidores Públicos (Decreto nº 1.171/1994).....	77
4. Processo Administrativo (Lei nº 9.784/1999)	79
5. Lei 12.772/2012 e suas alterações- Dispõe sobre a estruturação do Plano de Carreiras e Cargos de Magistério Federal	85
6. Decreto 9.991/2019- Dispõe sobre a Política Nacional de Desenvolvimento de Pessoas da administração pública federal direta, autárquica e fundacional	93
7. Noções de Direito Constitucional: Dos Princípios Fundamentais; Dos Direitos e Garantias Fundamentais; Dos Direitos Sociais	98
8. Da ordem Social	110
9. Lei nº 12.527/2011 (Acesso à informação)	123
10. Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (Lei nº 8.069/90)	130
11. Declaração Universal dos Direitos Humanos Adotada e proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas (resolução 217 A III) em 10 de dezembro 1948.....	167
12. O atual sistema educacional brasileiro: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e suas alterações - LDB nº 9.394/96: princípios, fins e organização da Educação Nacional; Níveis e modalidades de educação e ensino	169
13. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica, 2013	179
14. Base Nacional Comum Curricular	179
15. Resolução CNE/CP Nº 1 de 5 de janeiro de 2021 (Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Profissional e Tecnológica).....	179

ÍNDICE

16. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014 (Plano Nacional de Educação).....	189
17. Programa Nacional de Integração da Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (Decreto nº 5.840, 13/07/2006).....	204
18. Educação inclusiva; Acessibilidade para pessoas com deficiência (Lei nº 10.048/00, Lei nº 10.098/00 e o Decreto-Lei nº 5.296/04)	205
19. Política Nacional para integração da Pessoa com Deficiência (Decreto nº 3.298/99 e a Lei nº 7.853/89)	219
20. Regulamentação da Educação Profissional no Brasil: Decreto nº 5.154/04	229
21. A regulação do trabalho dos profissionais da educação, a partir da legislação educacional.....	230
22. Processos de apropriação e execução da legislação educacional vigente	230

Conhecimentos Específicos

Professor - História

1. Os povos antigos: Grécia, Roma e africanos (África Ocidental)	235
2. Sociedades Medievais; história e historiografia. Aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais, bizantinos, muçulmanos e da Europa cristã - Crise do feudalismo.	253
3. Ensino de História: Conceitos, métodos e fontes históricas	260
4. Ensino de história e cultura afro-brasileira e indígena	251
5. Idade Moderna: Contexto político, econômico e cultural - Absolutismo e mercantilismo.	270
6. Expansão comercial e marítima europeia.	279
7. Renascimento cultural - científico e reformas religiosas	281
8. Revoluções nos séculos XVII e XVIII.	286
9. Evolução do Processo Histórico, Social, Político, Econômico e Cultural da Bahia Colonial: Imperial e Republicana, numa perspectiva afro-brasileira.	296
10. Evolução do Processo Histórico, Social, Político, Econômico e Cultural do Brasil Colonial e Imperial.	300
11. As Américas Coloniais e seus processos de independência: participação dos povos indígenas, africanos e afro-brasileiros ..	316
12. Era Vargas: contexto e panorama	318
13. Ditadura Militar: Propaganda, Repressão e Resistência	322
14. Idade Contemporânea: Doutrinas, Nacionalismos e Revoluções no Século XIX - Europa	330
15. Neocolonialismo e Imperialismo (Século XIX): Conflitos e desafios da atualidade	343
16. As grandes guerras mundiais e o Entreguerras	349
17. A Revolução Russa	354
18. Guerra Fria.	354
19. Descolonização da África e Ásia.	365
20. Conflitos e desafios da Atualidade	365

O movimento islâmico Talibã se propunha a implantar a lei islâmica no país, desagregado pela queda do regime comunista. Era composto por jovens treinados em escolas religiosas islâmicas rurais, surgidas ao longo da década de 1980. Estas escolas haviam sido berço de militantes que lutaram contra a ocupação soviética no país.

Seu governo tem-se caracterizado por uma aplicação rígida da lei islâmica. Decretos do Ministério da Virtude e Supressão do Vício impuseram leis que incluem:

Uma rígida segregação das mulheres. As meninas são impedidas de cursar a escola. Mulheres que trabalhavam em hospitais e escolas foram mandadas de volta para casa e obrigadas a cobrir-se dos pés à cabeça.

Os homens são obrigados a deixar a barba crescer. A televisão está proibida, assim como a música ocidental e os jogos de azar. As salas de cinema foram fechadas e a imprensa que não foi proscrita teve que banir das páginas fotos e imagens.

As punições para qualquer tipo de transgressão incluem açoites em praça pública para os que consumirem álcool, a amputação de membros para os culpados de roubo e morte por apedrejamento para os adúlteros.

Apesar de ter sido denunciado por organizações internacionais de direitos humanos, o novo regime solicitou o reconhecimento da comunidade internacional, com o argumento de que havia restaurado a ordem na maior parte do solo afegão.

Os talibãs provocaram mais protestos mundiais ao promulgar uma lei que obrigava outros grupos étnicos, como os hindus, a usar um broche que os identificassem. Outra onda de protestos surgiu após os talibãs terem dado ordem para destruir esculturas de Buda em todo o país. Entre elas estavam duas gigantescas estátuas no vale de Bamiyan, próximo a Cabul, talhadas em pedra há mais de 1.500 anos. Uma delas, de 53 metros de altura, era a maior representação de Buda já construída. Ambas foram explodidas em março de 2001. A razão para a destruição de uma parte da herança cultural afegã é a proibição islâmica de adoração de ídolos.

Guerra do Golfo



A Guerra do Golfo teve início em agosto de 1990, quando o ditador iraquiano Saddam Hussein acusou o Kuwait praticar uma política de super-extração de petróleo causando uma queda nos preços e prejudicando a economia iraquiana. Saddam também ressuscitou problemas antigos e exigiu indenização. Como o Kuwait não aceitou foi invadido por tropas iraquianas.

Aparentemente era mais uma das diversas tensões do Oriente Médio. Em 1991, se dá a invasão iraquiana de 100 mil soldados no Kuwait. Boa parte da família real kuwaitiana conseguiu fugir. Somente a força aérea do Kuwait demonstrou alguma resistência durante a ocupação.

A força do corpo de elite iraquiana era tão grande que nem se pode dizer que foi uma guerra, mas sim uma manobra militar. Com isso o Kuwait foi anexado ao Iraque como a 19ª província do país. Veio da ONU a primeira reação concreta, um embargo econômico contra o Iraque. O que significava que os países não podiam comprar do Iraque nem vender para ele.

A atitude de Saddam mobilizou o mundo e diversas nações, lideradas pelos EUA, se uniram para tentar reverter esse quadro. A ONU fixou o prazo de 15 de janeiro de 1991 para que as forças iraquianas se retirassem do Kuwait. Passado o tempo dado pela ONU para a desocupação, as forças aliadas deram início à Operação Tempestade no Deserto, em 17 de janeiro de 1991. Foi o maior aparato militar colocado em operação desde a Segunda Guerra Mundial. Consistindo primordialmente em ataques aéreos e no lançamento de mísseis de cruzeiros, durante a Tempestade no Deserto foram realizadas mais de 116 mil viagens de ataque ao Iraque, a partir das quais foram lançadas mais de 85 mil toneladas de bombas.

Buscando envolver outros países árabes no conflito, os iraquianos atacaram Israel com mísseis scund, de fabricação soviética. Tendo em vista a ideia de que se Israel respondesse ao ataque, provavelmente os outros países árabes iriam apoiar o Iraque e se retirariam da aliança anti-Iraque. No entanto, a diplomacia e o dinheiro norte-americano foram fundamentais. Pois com isso os EUA conseguiram convencer Israel de não contra-atacar e premiaram-no com baterias antimísseis patriot.

Em 28 de fevereiro, o presidente americano George Bush declarou o cessar fogo, porém o Iraque só o aceitou em abril.

O conflito resultou em centenas de mortes, dentre elas civis e militares. Milhares de mísseis foram usados e o mundo presenciava, pela primeira vez, uma guerra com a cobertura total da mídia.

Após a guerra, os prejuízos foram enormes. O Kuwait perdeu quase 10 bilhões de dólares com a queda da produção de petróleo, mas voltou a ser independente. O Iraque sofreu sanções econômicas e os EUA conseguiram despertar o ódio em mais gente.

Em relação à perda de vidas humanas, entre 60 mil e 200 mil soldados iraquianos pereceram no conflito. Do lado aliado, 148 soldados caíram em batalha e outros 145 morreram em outras situações, como ataques realizados por engano nas próprias tropas aliadas.

Outro fato marcante da Guerra do Golfo foi o desastre ambiental causado pela queima de centenas de poços de petróleo que resultou em uma intensa poluição do ar, que se espalhou por milhares de quilômetros. Foram necessários dez meses para que o fogo fosse apagado. Milhões de barris de petróleo foram despejados no Golfo Pérsico, resultando na contaminação das águas do Oceano Índico e na zona costeira do Kuwait, além da morte de milhares de espécies animais que habitavam a região.

A Guerra do Chifre da África

O chamado Chifre da África também conhecido como Nordeste Africano e algumas vezes como península Somali, é a região mais oriental do continente africano, sendo formada por quatro países: Etiópia, Eritreia, Somália e Djibuti. As paisagens dominantes são de deserto e semideserto, com exceção do sul da Etiópia e da Somália, onde o clima é menos seco.

As consequências da derrota para a Etiópia foram desastrosas para o regime. A população passou a perder a confiança no governo, dificultando a obtenção de apoio popular; a perda da União Soviética como aliado externo deixou um grande espaço vago, que os Estados Unidos não conseguiram preencher de imediato, e inicialmente se reservaram a um relacionamento cuidadosa e limitada com o regime Barre; Por fim, o exército estava enfraquecido tanto tecnicamente como moralmente.

Uma outra grande consequência do conflito foi o aumento no número de refugiados da etnia somali, de quase 1 milhão de pessoas, o que abalou o já frágil sistema econômico do país.

Na tentativa de reverter essa situação caótica e visando atrair a ajuda do Fundo Monetário Internacional (FMI), Barre abandonou formalmente o Socialismo em 1980. Apesar da mudança, o resultado esperado não foi alcançado e o país passou a depender de ajuda externa. A Somália passou a década de 80 recebendo doações e empréstimos flexíveis do Banco Mundial e do FMI e ajuda alimentar através da USAID.

O regime de Siad Barre começou a enfrentar opositores, principalmente dentro do exército, que mostrou sinais de agitação e indisciplina dentro do corpo dos oficiais. Logo após a Guerra do Ogaden um grupo oficiais liderados pelos Coronéis Mahammad Shaykh Usmaan e Abdullahi Yusuf Ahmed tentou derrubar Barre do poder, porém foram duramente reprimidos.

Em 1988, após uma investigação iniciada pelo Congresso Americano sobre a violação dos direitos humanos na Somália, particularmente a violenta repressão aos movimentos opositores no norte do país, levou os Estados Unidos a suspender toda ajuda militar ao país. Poucos meses depois, com o fim da Guerra Fria já evidente, a região perdeu o interesse dos norte-americanos, e toda a ajuda financeira foi retirada, deixando o país à beira de uma guerra civil.

Após a perda do auxílio externo, a oposição armada ganhou força e começou a conquistar territórios importantes no norte e no sul do país. Em 1990 o governo controlava apenas 10% de todo o território nacional, com sinais de que a queda do regime era inevitável.

Em Setembro do mesmo ano durante um encontro na Etiópia, os líderes dos três maiores grupos insurgentes (USC, SNM e SPM) acordaram em coordenar as suas estratégias para depor Barre. Dessa forma, percebendo a vulnerabilidade do regime, as forças rebeldes sob o comando da USC, liderada por Mohamed Farah Aidid invadiram a capital Mogadíscio no início de janeiro de 1991. Depois de duas semanas de intenso confronto entre USC e as tropas governamentais, Said Barre perseguido pelas forças do General Aidid fugiu da capital em 26 de janeiro de 1991.

A deposição de Barre, realizada sem um projeto de governo definido para substituí-lo, gerou um caos generalizado no país, e a região sul e central do país incluindo a capital Mogadíscio transformaram-se num violento campo de batalha com diversos grupos extremamente armados lutando entre si visando o controle de territórios e busca pelo poder.

Conhecidos como “warlords” (senhores da guerra), esses grupos se dividem em três principais facções: o Movimento Nacional Somali (SNM), o Movimento Patriótico Somali (SPM) e o Congresso Somali Unido (USC). Tendo cada um dos “warlords” reivindicando o poder para si, o cenário político somaliano mergulhou em uma profunda crise em que nenhuma autoridade central ou conciliadora tivesse capacidade de alcançar a estabilidade nacional.

Não bastando isso, em maio de 1991, os clãs do norte se unificaram e declararam a sua independência com a formação da República da Somalilândia. Mesmo sem reconhecimento internacional,

essa região acabou firmando a sua autonomia com uma forma de governo própria. Em meio a crise política, a grave situação de fome e miséria impeliu a ONU a intervir na Somália com o oferecimento de mantimentos para a população menos favorecida.

No ano de 2000, a crise política e os constantes conflitos internos foram discutidos em uma reunião no Djibuti, onde houve a reunião de 200 delegados somalis. O evento acabou estabelecendo a criação de uma Assembleia Nacional e repassou o governo ao presidente Abdulkassim Salad Hasan. No mês de outubro, o novo governo foi formado. Logo em seguida, alguns grupos armados dissidentes não reconheceram a nova autoridade e, com isso, preservaram o desgastante estado de guerra.

Em 2004, uma nova reunião tentou reatar o diálogo entre os clãs e os grupos armados para a formação de um parlamento capaz de reorganizar a nação somali. A partir de então, a influência e a predominância da religião muçulmana acabou estabelecendo a adoção de leis islâmicas para todo o território. Entretanto, o alcance da paz foi novamente ameaçado quando os grupos islâmicos armados do país resolveram declarar guerra a Etiópia, país vizinho apoiado pelos Estados Unidos.

A invasão das tropas etíopes acabou aprofundando o caos, a miséria e a fome que se arrastam entre a população somali. Somente em 2008, um acordo de cessar fogo conseguiu empreender a paz entre os dois países. Em janeiro de 2009, a completa saída da Etiópia do país foi seguida pela organização de um novo Parlamento agora tomado pela oposição islâmica moderada. Ainda hoje, o novo governo enfrenta a ação das milícias islâmicas de orientação radical, como o a do grupo Al Shabab.

CONFLITOS ÉTNICO-RELIGIOSOS NOS SÉCULOS XX E XXI

Os Conflitos Territoriais do Mundo Multipolar

O mundo está cada vez mais complexo. A interdependência entre os lugares exige que tenhamos conhecimento sobre a geopolítica mundial.

Atualmente, vivemos em um mundo de questionamentos às hegemonias. Muitas vezes grupos contestadores usam do terrorismo como forma de combate e protesto.

Vamos estudar as tensões que afligem o mundo contemporâneo para assim criarmos a nossa própria visão sobre temas de importância mundial.

Atual Conjuntura Multilateral

A palavra bipolaridade está diretamente relacionada ao período da Guerra Fria (1945-1991). Nessa fase, o sistema de relações internacionais era fortemente marcado pelas disputas entre Estados Unidos e União Soviética, países que dominavam a distribuição do poder mundial e influenciavam grande parte das decisões políticas, econômicas, culturais e até mesmo o que havia de mais cotidiano na vida das pessoas.

A atual conjuntura econômica do planeta, porém, aponta para outro caminho e o transforma em mais do que necessário e praticamente indispensável: o multilateralismo.

O mundo está cada vez mais interligado, o que contribui de modo decisivo para a criação de uma ordem política multilateral. Assim, o termo “multilateralismo” aplica-se a um sistema internacional, no qual diversos Estados passam a se relacionar por princípios democráticos e a considerar os interesses de cada um na tomada de decisões. Essas relações não podem ser discriminatórias e

O G-20 agrícola

Com o desenvolvimento do comércio mundial, as trocas comerciais passaram por profunda dinamização. Em 2003, um grupo de países resolveu tomar uma atitude conjunta e assim valorizar seus produtos agrícolas. Eles representam cerca de 50 da população mundial e mais de 30 das exportações agrícolas. A meta principal é abrir uma via de negociação para os produtos agrícolas, inclusive os plantados e subsidiados nos países ricos.

Segundo o G-20 agrícola, os subsídios dados aos produtores dos países ricos são um entrave ao desenvolvimento do grupo. Eles vêm lutando no âmbito da OMC para derrubar esses privilégios comerciais e, assim, obter igualdade de condições nas disputas comerciais de produtos primários.

OS CONFLITOS INTERNACIONAIS EM TEMPOS DE GLOBALIZAÇÃO

Questão Iraquiana

O Iraque vem ocupando as manchetes dos noticiários desde o início dos anos 1980. Naquele período, o país havia entrado em guerra contra seu vizinho, Irã, em uma disputa pelo Canal de Shatt al-Arab, via de escoamento da produção de petróleo, e por campos petrolíferos, localizados na fronteira sul dos dois países, importantes produtores da região do Golfo Pérsico.

Existiram, porém, outros motivos para esse conflito. Além da tentativa expansionista, havia uma profunda rivalidade entre os líderes iraquianos e iranianos pelo domínio e pela influência no mundo muçulmano.

Em 1979, subiu ao poder no Irã um governo religioso muçulmano de linha xiita, derrubando a monarquia iraniana, representada pelo xá (título de rei no Irã) Reza Pah1avi (1919-1980), um fiel aliado dos Estados Unidos. Sua queda representava a subida ao poder de um grupo totalmente ante estadunidense, liderado por aiatolá Khomeini.

Dessa forma, na fase final da Guerra Fria, os EUA passaram a oferecer um considerável apoio ao governante do Iraque, Saddam Hussein, para que ele pudesse derrotar o Irã e seu governo religioso, que naquele período já representava uma das maiores ameaças ao poder estadunidense.

A guerra estendeu-se por quase 10 anos e nem o apoio estadunidense ao Iraque foi suficiente para determinar uma vitória das tropas de Saddam Hussein.

Calcula-se que morreram mais de 1 milhão de combatentes de ambos os lados em um conflito de extrema violência. Mas, além do custo humano, a guerra teve um alto custo financeiro, que levou praticamente à falência os dois países. A guerra Irã X Iraque foi tão intensa que a indústria armamentista do mundo todo ampliou suas vendas em função das batalhas ocorridas.

Ao final de 1988, a falência econômica levou os dois países a decretar um cessar-fogo. Tanto Iraque quanto Irã saíram do conflito arrasados e endividados.

Enquanto no Irã a **teocracia** tinha apoio considerável da população, no Iraque a situação era diferente. Saddam Hussein passou a ser questionado e a sofrer críticas da oposição, que, mesmo reprimida, conseguiu mostrar os problemas criados pela guerra.

Além disso, o Iraque é um país multirreligioso e multiétnico, com rivalidades entre os seguintes grupos:

- xiitas: os xiitas representam entre 60 e 65 da população, mas historicamente têm sido discriminados pela minoria sunita, que, durante anos, foi liderada por Saddam Hussein. Esses grupos xiitas vêm se aproximando cada vez mais dos xiitas iranianos.

- sunitas: os sunitas representam pouco mais de 20 da população e, desde a criação do país pelo Reino Unido, em 1920, têm grande influência e forte poder de decisão na política iraquiana.

- cristãos: os cristãos, cujo maior grupo são os caldeus, representam pouco mais de 3 da população iraquiana.

- curdos: os curdos são descendentes de antigas tribos indo-europeias que vivem em partes do norte do Iraque, Irã, Turquia e Síria. No Iraque, eles representam pouco mais de 15 da população.

Nesse quadro de tensão e de grave crise política e econômica, o Iraque partiu para uma nova ofensiva militar.

No segundo semestre de 1990, tropas iraquianas invadiram o Kuwait, seu vizinho ao sul, alegando que esse país era uma antiga província iraquiana. Na verdade, Saddam Hussein estava tentando dominar um país produtor de petróleo e desviar a atenção dos problemas internos do Iraque.

Rapidamente, formou-se uma coalizão internacional, liderada pelos Estados Unidos, para libertar o Kuwait.

Vale lembrar que a principal preocupação das grandes potências era evitar que o Iraque se transformasse em uma potência regional, criando tensões em uma região importante para a economia mundial, uma vez que é fornecedora de petróleo, matéria-prima fundamental para o funcionamento do sistema capitalista.

Durante o conflito, alguns fatos criaram ainda mais tensões em todo o mundo.

Tentando atrair a simpatia do mundo árabe e dos muçulmanos, o Iraque lançou mísseis sobre Israel. De imediato, os Estados Unidos assumiram a proteção de Israel, criando um escudo de mísseis para combater os ataques.

Internamente, Saddam Hussein aproveitou o conflito para tentar esmagar a oposição e algumas minorias dentro do Iraque.

O que marcou esse conflito foi o fato de os Estados Unidos terem apoiado e encoberto inicialmente o governo ditatorial de Saddam Hussein, e, no momento em que este se tornou uma ameaça, terem passado a considerá-lo um perigo à paz internacional (principalmente por meio de sua mídia).

Em poucas semanas os Estados Unidos e seus aliados conseguiram expulsar as tropas iraquianas do Kuwait e encerrar o conflito. Porém, a situação social no Iraque ficou muito preocupante, já que um pesado bloqueio econômico imposto pelos Estados Unidos e seus aliados impedia a chegada de medicamentos, alimentos e muitos outros produtos básicos para a população.

Para piorar a situação, as contas iraquianas no exterior foram bloqueadas, e o governo de Saddam Hussein ficou sem dinheiro para pagar funcionários públicos e abastecer os bancos. A situação tornou-se um caos.

Com o intuito de amenizar o grave quadro social, a ONU criou um programa pelo qual os recursos obtidos com o petróleo iraquiano poderiam ser usados na compra de alimentos. Dessa forma, o dinheiro da venda do petróleo do Iraque era depositado em uma conta não acessível ao governo iraquiano. A ONU, então, usava esses recursos no pagamento de seus próprios gastos no Iraque e na compra de alimentos básicos para a população carente do país.

Mesmo assim, os meios de comunicação continuaram uma campanha para desestabilizar ainda mais o governo controlado por Saddam Hussein.

Depois dos ataques de 11 de setembro de 2001, em Nova York, o governo dos Estados Unidos passou a acusar o governo iraquiano de ter apoiado os terroristas e de estar preparando **armas de destruição em massa** para serem usadas contra os estadunidenses. Em

Depois dessa ofensiva russa, os grupos chechenos passaram a praticar atos terroristas contra alvos russos.

Os Conflitos na Ossétia

Como vimos, há muitos séculos a região do Cáucaso foi ocupada por diversas etnias, entre elas a dos ossetas. Tal qual outras regiões, a Ossétia também foi fracionada para atender aos interesses políticos dos líderes da extinta URSS.

Assim, a parte norte da região passou a fazer parte da Federação Russa, enquanto a parte sul transformou-se em uma região autônoma da Geórgia, uma das ex-repúblicas soviéticas.

Assim como os povos de outras regiões do Cáucaso, os ossetas do sul foram oprimidos pelo governo georgiano. Com o fim da URSS, iniciaram um movimento de libertação contra a Geórgia, contando com apoio russo. Segundo a Rússia, essa ajuda justificava-se pelo fato de a Ossétia do Sul possuir muitos residentes russos.

O governo georgiano, temendo perder uma parcela de seu território, iniciou uma ofensiva militar contra os ossetas do sul. De imediato, o exército russo partiu para a defesa dos ossetas, alegando risco à integridade dos russos que moravam naquelas localidades.

A Primavera Árabe

Nos últimos anos, uma série de protestos populares vem ocorrendo em países de língua árabe e de maioria de população muçulmana.

Eles são o estopim de uma onda enorme de lutas originárias de rivalidades políticas e étnicas, além de graves problemas sociais e econômicos.

Nesses países, a população jovem, geralmente, não encontra empregos e grande parte dela é obrigada a migrar ilegalmente em busca de oportunidades em outros continentes. A falta de um dinamismo econômico leva muitos desses países a passar por fases de racionamento de produtos básicos. Para piorar a situação, esses países foram ou ainda são governados por grupos hegemônicos ou ditaduras militares que reprimem fortemente qualquer manifestação política de opositores.

Diferentemente do que muitos pensam, especialmente no Ocidente, essas manifestações não tiveram necessariamente um viés religioso, como foi comum em outros tempos.

O fator desencadeador, usado como símbolo desse processo, aconteceu na Tunísia. Em 17 de dezembro de 2010, o jovem Mohamed Bouazizi (1984-2011) ateou fogo ao próprio corpo em protesto contra o confisco de seu carrinho - com o qual vendia frutas para ajudar sua família, já que não arrumava emprego - e faleceu após dezoito dias de internação hospitalar. Em seu funeral, milhares de pessoas tomaram as ruas e pressionaram Ben Ali, que estava no poder há mais de 23 anos de forma ditatorial, para que se retirasse.

Esses protestos continuaram a ocorrer em outros países do norte da África e do Oriente Médio. No Egito, milhares de pessoas passaram a protestar contra o governo de Hosni Mubarak, que estava no poder havia quase 30 anos. A população ocupou a Praça Tahir, no Cairo, capital do país, e passou a exigir a renúncia do ditador. Foram meses de protestos, durante os quais milhares de jovens acamparam na praça, chamando a atenção dos meios de comunicação. Depois de inúmeros confrontos com forças militares, a população conseguiu a renúncia de Mubarak em fevereiro de 2011. A luta por democracia e transparência continua muito ativa no Egito.

Na Líbia, o ditador Muammar Gaddafi (1942-2011) estava no poder desde 1969. Denunciado como líder de um dos mais violentos e corruptos regimes do mundo árabe, ele reprimia a oposição

e se colocava como inimigo de regimes ocidentais. Foi assim que os grupos opositores aproveitaram essa atmosfera de mudanças e, com ajuda de governos estrangeiros, iniciaram uma ofensiva que acabou com a ditadura. Durante as batalhas, Gaddafi foi capturado e morto por grupos rebeldes.

O Caso da Síria

Certamente um dos conflitos mais preocupantes é o da Síria. Os grupos opositores ao regime de Bashar al-Assad vêm se unindo para derrubar a ditadura da família, que se iniciou em 1970 com Hafez al-Assad (1930-2000), o pai do atual presidente.

Semanas antes de explodirem os protestos, em março de 2011, Bashar al-Assad lançou a Política dos quatro mares. Por meio dela, o governo esperava que o território sírio se transformasse em uma encruzilhada energética, por onde passariam gás e petróleo, ligando o Mar Cáspio, o Golfo Pérsico, o Mar Negro e o Mediterrâneo. A Síria seria o fiel da balança na “distribuição” desses recursos, interligando grandes gasodutos e oleodutos do Egito à Arábia Saudita, do Irã aos Bálcãs. Alguns contratos da Síria para a construção dos oleodutos estavam sendo assinados com Irã, Turquia e Arábia Saudita, e parte do capital para isso poderia - ir da China - que é ávida por energia. Para se fazer uma comparação, em 2012, Arábia Saudita exportou mais petróleo para a China do que para os Estados Unidos, por exemplo.

A Turquia é beneficiária de megaprojetos energéticos como o oleoduto Baku-Tblisi-Ceyhan e o Nabucco (por hora paralisado), que liga Ásia Central, Mar Cáspio, Turquia e Europa. Esses são financiados com capital estadunidense e europeu.

Internamente, a minoria alauíta, facção religiosa do presidente Assad, favorecida durante décadas, seria beneficiada mais uma vez pelos contratos para a realização dessas obras e por toda a soma indireta gerada por elas. A maioria sunita estava sendo colocada mais uma vez à margem de todo o processo.

Em março de 2011, 15 jovens sunitas foram presos e torturados na cidade de Dar'a por protestar contra o governo. Esse fato deu início a um sangrento conflito.

Os Conflitos Africanos Persistem na Nova Ordem Mundial

O duro contato da África com a brutal realidade dos países dominantes ocorreu principalmente entre os séculos XV e XIX, quando traficantes retiravam homens, mulheres e crianças do continente e os vendiam como mão de obra escravizada na América e em alguns países da Europa.

Ao longo do século XIX, a Europa efetivou um domínio mais formal do continente africano, estabelecendo colônias e entrepostos comerciais. Eram raras as nações africanas que tinham autonomia ou algum tipo de governo próprio. Para concretizar esse domínio, os europeus promoveram a divisão do continente entre eles, mediante tratados e acordos. A divisão dos territórios visava a satisfazer as necessidades econômicas das metrópoles, incluindo limites que separavam um mesmo povo ou aglutinavam diferentes etnias em um mesmo território. Essa prática mostrou-se desastrosa, pois acabou gerando inúmeros conflitos em todo o continente africano. Basta observar nos mapas as muitas fronteiras retilíneas: algumas foram traçadas cessa forma pela ausência de, dentes naturais importantes grandes rios, montanhas etc.); outras foram traçadas em linha reta apenas para atender aos interesses dos europeus.

No período posterior à Se da Guerra Mundial, a atuação de diversos movimentos nacionalistas, associada ao declínio antigas potências imperialistas e à expansão do socialismo, permitiu que os

de forma racional os recursos locais, como a oferta de peixes e de madeira. Ao mesmo tempo, os inuítes querem poder aproveitar dos avanços tecnológicos do mundo atual.

A Explosão da Violência na Colômbia

No início do século XXI, a Colômbia atravessou sua pior crise institucional.

Desde meados da década de 1970, o esfacelamento da pequena produção rural, sem condições de competir com as grandes fazendas comerciais, estimulou a expansão do plantio de coca, utilizada na fabricação de cocaína, uma vez que a remuneração oferecida pelos narcotraficantes é muito superior aos ganhos obtidos com as plantações de gêneros alimentícios e matérias-primas.

O poder dos cartéis do tráfico tem crescido em escala vertiginosa, envolvendo grande parcela da sociedade colombiana. Nesse mesmo ritmo, milhares de colombianos vão sendo marginalizados pelo agravamento da situação econômica.

Atuam no país alguns grupos revolucionários de linha socialista que aglutinam jovens excluídos e pregam a luta armada como forma de alteração profunda da sociedade. Originalmente, inspiraram-se na guerrilha cubana comandada por Fidel Castro e Ernesto Che Guevara. Contudo, após décadas de luta, muitos perderam seus propósitos iniciais.

Entre os grupos mais conhecidos destacam-se as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc). Seus guerrilheiros controlam uma porção do território a leste e são acusados pelas autoridades colombianas de terem forte ligação com o narcotráfico.

A atual violência na Colômbia preocupa até mesmo o governo brasileiro, uma vez que a área de atuação da guerrilha - e dos combates - está próxima da fronteira brasileira, na região amazônica.

Nesse sentido, o governo brasileiro vem estruturando projetos que visam também a conter os riscos ao território nacional. O projeto Sivam (Sistema de Vigilância da Amazônia) tem capacidade de monitorar essa região, observar e tentar prevenir a passagem de aviões do narcotráfico ou detectar desmatamentos. Recentemente, por iniciativa dos Estados Unidos, foi implantado o Plano Colômbia. Tal plano prevê investimentos financeiros na região, além de treinamento do exército colombiano por parte das forças militares estadunidenses.

O Conflito das Malvinas

O arquipélago das Malvinas localiza-se no Atlântico Sul, nas proximidades dos limites de águas territoriais da Argentina. A região, ocupada pelos britânicos - que a chamam de Falklands - desde o século XIX, tornou-se área de criação de ovinos para a produção de lã.

De forma inesperada, em abril de 1982 o governo ditatorial militar argentino realizou uma invasão na ilha. A intenção era desviar a atenção da população argentina dos graves problemas econômicos e políticos pelos quais passava o país, por meio da tomada de um território há muito tempo reivindicado por essa nação.

O conflito ocorreu sobre uma pequena parcela do território, localizada, porém, em uma região de clima muito frio sob uma forte influência das massas de ar geladas vindas do continente antártico. Isso exigia de ambas as partes uma preparação especial para a guerra.

Não foi possível nenhum acordo diplomático, e as tropas inglesas rumaram cara o Atlântico Sul a fim de retomar as ilhas. Nos primeiros combates, era evidente a superioridade técnica e militar das tropas britânicas. Assim, apesar de lentos combates e centenas de mortos de ambos os lados, a Argentina foi derrotada.

Inglaterra e Argentina rompe relações diplomáticas, e a relação tem sido feita de forma gradual. Um exemplo disso foram os acordos de exploração conjunta dos recursos petrolíferos das Malvinas, assinados em 1995 e em vigor até 2007, data em que os ingleses intensificaram o desejo de explorar o petróleo na região unilateralmente, de tal modo que iniciaram projetos e estudos para a concessão de áreas petrolíferas águas profundas. O governo argentino manifestou-se contrário a isso, passando a exigir a posse das ilhas novamente, fato que gerou novo foco de tensão mundial.

Acredita-se que (tal qual na área de exploração do pré-sal do Brasil) nessa região a menos de 500 quilômetros do litoral argentino, também haja um potencial bilhões de barris de petróleo a serem explorados.

Como vivem os jovens em Dadaab: o maior campo de refugiados do mundo o Alto Comissariado da ONU para Refugiados (Acnur) instalou os primeiros campos de refugiados em Dadaab, no Quênia, entre 1991 e 1992, para abrigar os refugiados dos conflitos que naquela época ocorriam na Somália. A intenção original era que os campos de Dadaab abrigassem até 90 mil pessoas, entretanto, atualmente vivem no complexo mais de 463 mil refugiados, incluindo cerca de 10 mil pessoas que conformam a terceira geração nascida em Dadaab, cujos pais eram refugiados que também nasceram nos campos.

São esses jovens que estão tentando mudar essa realidade tão difícil, numa construção pequena e modesta, onde fica a sede da Organização Juvenil de Ifo. Ali acontecem quinzenalmente reuniões e debates acirrados entre os 27 partidos que compõem o Parlamento dos jovens. Eles têm cargos, funções e muita vontade. Só lhes falta a legitimidade do "povo".

A Organização Juvenil de Ifo é formada por moradores dos acampamentos de Dadaab. Como são refugiados, os habitantes de Dadaab não podem trabalhar, estudar, viajar ou ser representados politicamente fora do campo. Dentro, eles tentam viver a juventude como podem.

Existem reuniões de gabinete para organizar campanhas de saúde. Uma delas é contra a mutilação genital feminina, mas há também aquelas de vacinação. Além da promoção da saúde, há pouco sobre o que os jovens e o seu Parlamento possam deliberar. O único projeto original de sucesso foi um campeonato esportivo entre os jovens.

Muitos nasceram em Dadaab e nunca saíram, o que é quase uma prisão para a maioria deles. Se nada for feito, muitos jovens podem ser cooptados por grupos marginais, ligados à criminalidade, que existem nos campos.

Entre os planos futuros desses jovens, está a tentativa de registrar o grupo como agência humanitária - o único tipo de entidade autorizada a se fixar e trabalhar em Dadaab com mais eficiência.

Eles lutam para que mais jovens possam deixar o acampamento para estudar em universidades - inexistentes em Dadaab. Para muitos que ficam, a alternativa é trabalhar geralmente no comércio e casar cedo. Muitos jovens declaram que optam por ter uma família para sentir a conquista de algo e, assim, continuar acreditando em um futuro melhor⁹⁰.

CONFLITOS NO LESTE EUROPEU⁹¹

O leste europeu e os países pertencentes à CEI (Comunidades dos Estados Independentes) enfrentam diversos problemas de ordem social, econômico, além dos constantes conflitos desencadeados por intolerância étnica e questão territorial. A CEI é composta por um conjunto de países que compunha a ex-União Soviética.

90 TAMDJIAN, James Onning. *Geografia; estudos para compreensão do espaço*. 2ª edição. São Paulo: FTD.

91 <http://brasilecola.uol.com.br/geografia/conflitos-no-leste-europeu.htm>

dos na região. A finalidade desses atos é alarmar os hindus que vivem na Caxemira e tentar radicalizar a população muçulmana para convencê-los de que a região deveria se tornar parte do Paquistão. O governo da Índia também acusa os chineses de oferecer suporte no treinamento de soldados paquistaneses, pois é muito comum a prática de exercícios de guerra de soldados chineses na fronteira entre os três países.

Atualmente, o Paquistão ainda parece determinado a ganhar o controle do estado indiano de Caxemira. O país utiliza como principal argumento a questão de que a maioria da população da Caxemira é muçulmana e que é seu desejo participar do Paquistão, mas são impedidos de fazê-lo por um governo indiano opressor. A Índia parece igualmente determinada a manter o controle do estado da Caxemira. Após 60 anos de disputa, ambos os lados ainda afirmam que apoiam a ideia de realizar um plebiscito para determinar a vontade do povo da Caxemira. Mas nenhum plebiscito foi realizado durante todo esse período e nem a Índia nem o Paquistão parecem estar dispostos ou capazes de manter tal compromisso para fazer algumas concessões.

A ameaça de guerra sempre pareceu iminente, pois ambos os países são altamente militarizados. A Índia realizou cinco testes nucleares subterrâneos no deserto da província do Rajasthan, oeste da Índia, em 11 e 13 de maio de 1998. O Paquistão respondeu com sua própria série de testes nucleares em 28 e 30 de maio desse mesmo ano. Nessa época, os países haviam testado sistemas de mísseis que poderiam carregar bombas nucleares. Os testes foram muito populares na Índia e no Paquistão, e os defensores dos testes sublinharam que os países estavam agindo defensivamente e que tinham receios de segurança legítimos. A Índia possui aviões e mísseis capazes de alcançar todas as grandes cidades do Paquistão, que ainda não possui a mesma capacidade. Os dois países não são signatários do TNP (Tratado de Proliferação Nuclear) em vigor desde 1970.

Com o desenvolvimento desses testes, os chefes de Estado de diferentes nações temem que as armas nucleares nas mãos dos líderes dos dois países possam aumentar consideravelmente a possibilidade de uma guerra nuclear. Em resposta a esse receio, os Estados Unidos denunciaram vigorosamente os testes indianos quando ocorreram e exortaram os paquistaneses a não responder. Quando os paquistaneses responderam, os

Estados Unidos imediatamente impuseram sanções econômicas a ambos os países, o Japão teve a mesma reação.

Após as transformações na geopolítica internacional devido aos atentados de 11 de setembro de 2001, os norte-americanos flexibilizaram sua política na região, principalmente porque necessitavam do apoio paquistanês no combate à Al Qaeda e na busca pelo líder terrorista Osama bin Laden.

Outras nações importantes, como China, França e Rússia, condenaram os testes, mas eles se recusaram a impor sanções. É evidente que o Ocidente não deseja o surgimento de novas potências nucleares, mas analisando sob um olhar crítico, os testes foram muito mais uma demonstração de força, ou seja, um país capaz de desenvolver armas nucleares e mísseis de longo alcance não pode ser invadido e dominado facilmente.

Conflitos entre Coreia do Norte e Coreia do Sul⁹³

O conflito envolvendo Coreia do Sul (República da Coreia) e Coreia do Norte (República Democrática Popular da Coreia) é um dos poucos episódios ainda não resolvidos dos tempos da Guerra Fria,

⁹³ <http://www.infoescola.com/historia/conflitos-entre-coreia-do-norte-e-coreia-do-sul/>

onde duas ideologias, a capitalista e a socialista lutavam pela supremacia mundial por meio de uma disputa geopolítica, e que afetou de modo irremediável a península coreana.

O problema fundamental é que a região é habitada por uma etnia predominante, a coreana, e que historicamente formava um único país, uma única entidade, com uma única cultura, língua e costumes e desde o fim da Segunda Guerra Mundial, após livrar-se da vergonhosa dominação japonesa, passou a encarar o drama da divisão, pura e exclusivamente ideológica, cuja pior consequência é separar inúmeras famílias e colocar coreanos contra coreanos.

Assim, após a saída dos japoneses, estabeleceu-se o paralelo 38 como marco da divisão entre as esferas de influência (um eufemismo para ocupação) soviética e americana, assim como aconteceu com a Alemanha e o Vietnã. Dela nasceu os atuais estados soberanos da Coreia do Sul, capitalista, e do Norte, de regime socialista. Ocorreram diálogos em torno da unificação do país, mas a tensão ao redor do marco divisório foi crescendo com o tempo, o que desembocou finalmente num conflito, a chamada Guerra da Coreia, quando forças norte-coreanas resolveram invadir a metade sul, em junho de 1950. A Guerra da Coreia, de 1950 a 1953, seria o primeiro conflito armado da era da Guerra Fria, e deixaria as principais cidades coreanas todas arrasadas, fazendo com que as duas Coreias figurassem entre as mais pobres nações do mundo à época.

Tecnicamente, nunca foi celebrada a paz entre os dois lados, e desde 1953, ambos os países encontram-se em “estado de beligerância”, ou seja, qualquer tipo de relações ou intercâmbio estão paralisadas. Os encontros entre os líderes coreanos do sul e do norte, que muitas vezes são apresentados em jornal e televisão ocorrem justamente para que se resolva tal questão. Tal situação intrincada serve em grande parte para explicar o porquê da persistência deste conflito derivado da Guerra Fria.

Segue desse modo, a divisão, que já conta com quase 70 anos, onde presenciamos a arrancada da Coreia do Sul rumo a uma posição de destaque na economia mundial, figurando entre as principais economias do mundo, um dos “tigres” asiáticos, e que deu origem a várias empresas de tecnologia, como a LG, Samsung e ainda a Hyundai, no setor automobilístico. Do lado norte-coreano, o regime socialista tornou-se cada vez mais radical, fechando o país de modo paranóico, com uma economia humilde, onde os investimentos vão em grande parte para a compra de armamentos. Com a morte recente de Kim Jong-Il (o segundo chefe de estado que a Coreia do Norte teve até hoje), e a ascensão de seu filho, Kim Jong-Un, há uma expectativa de que o fechado regime socialista torne-se um pouco mais flexível. Continua o sonho para muitos, mesmo que na prática ainda complicado, de que as duas Coreias possam novamente constituir um só país.

Questão Tibetana⁹⁴

O Tibete é uma região localizada ao sudoeste da China cercada por um conjunto de países vizinhos. Ao sul, fazem fronteira com essa região Índia, Mianmar, Butão e Nepal. Na parte oeste, faz limite com a conflituosa região de Jammu e Caxemira. Originária de uma antiga dinastia militar, o Tibete, desde o século VII, forma um império pacífico guiado pelos preceitos religiosos budistas. O principal cargo político tibetano é ocupado por um Dalai-lama, que acumula funções religiosas e políticas.

A Revolução Chinesa de 1949 inaugurou os conflitos atuais envolvendo a região do Tibete. A instalação do movimento liderado por Mao Tsé-Tung buscou reorganizar os costumes e tradições tibe-

⁹⁴ SOUSA, Rainer Gonçalves. “Questão Tibetana”; *Brasil Escola*. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/china/questao-tibetana.htm>>.